

PALEOPARASITOLOGIA: UMA MODERNA CIÊNCIA MUITO ANTIGA

Desde que Ruffer, em 1910, encontrou ovos de *Schistosoma haematobium* em cortes histológicos de tecido renal de múmias egípcias, inaugurou-se um novo ramo da ciência, denominado PALEOPARASITOLOGIA.

O INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, em seu Boletim Série Ensaios (1984, nº 2), editado pelos arqueológicos Oldemar Dias Jr. e Eliana Carvalho, publica um interessante texto sobre o ESTUDO PRÉVIO DE PRÁTICAS FUNERÁRIAS E O ENCONTRO DE PARASITOS HUMANOS NA GRUTA DO GENTIO II, UNAI, MINAS GERAIS. O trabalho de pesquisa, assinado por Lilia Maria Cheuiche Machado, Adauto José Gonçalves de Araújo, Ulisses Confalonieri e Luiz Fernando Ferreira, em sua página 19, depois de mencionar a descoberta pioneira de Ruffer, assim aborda o tema da Paleoparasitologia: "É a partir do exame de coprólitos encontrados na própria cavidade abdominal de múmias autopsiadas, ou no solo em sítios arqueológicos, que o achado de formas evolutivas de parasitos é mais freqüente. As primeiras referências sobre o encontro de parasitos em coprólitos são de Szidat (1944), que se refere ao achado de ovos de *Trichuris trichiura* e *Ascaris lumbricoides* em coprólitos extraídos de corpos de uma menina e de um homem, na Prússia, com datações de 600 AC e 500 da nossa era; Pizzi e Schelone (1954) estudaram um corpo inca, conservado congelado 450 anos, e observaram ovos de *Trichuris trichiura* e possíveis cistos de *Entamoeba coli*."

Depois de mencionar outros achados paleoparasitológicos da bibliografia internacional, os autores descrevem a análise parasitológica de coprólitos da gruta do Gentio II, em Unai, Minas Gerais: "A análise microscópica, efetuada em 66 coprólitos, pela técnica de Callen e Cameron (1960), revelou a presença de formas evolutivas de helmintos. Ao se examinar coprólitos coletados no solo, em sítios arqueológicos, defronta-se o pesquisador com a dificuldade de estabelecer a origem do material, se humano ou animal. Entretanto, existem alguns parâmetros sobre os quais é possível um diagnóstico provável, pois, segundo Callen (1967), os coprólitos humanos dão à solução de fosfato trissódico uma cor castanho-escuro opaca."

Os parasitos encontrados nos coprólitos humanos na experiência relatada foram estudados por Ferreira *et alii* (1979, 1980) e Araújo (1980). Foram encontradas larvas de nematódeos, interpretadas como três estágios evolutivos de um mesmo parasito, e ovos de ancilostomídeo e *Trichuris trichiura*. As larvas são, possivelmente, originárias dos ovos de Ancilostomídeos e seus três estágios evolutivos são vistos em 30% dos coprólitos. O diagnóstico destes ovos baseou-se em sua morfologia e tamanho."

As fotografias que acompanham o trabalho de paleoparasitologia, aqui reproduzidas, são impressionantes como documento científico sobre a antiga convivência dos parasitos com o homem (e com os animais).



Foto 1: Enterramento de criança, com idade biológica entre 8 e 9 anos. O corpo encontra-se parcialmente mumificado por processo natural de desidratação. Através da análise de coprólitos na cavidade abdominal dessa pequena múmia de mais de 3.000 anos, foram encontrados ovos de helmintos expostos nas fotos 2 e 3. (Foto de Jacques Cheuiche, do Instituto de Arqueologia Brasileira.)

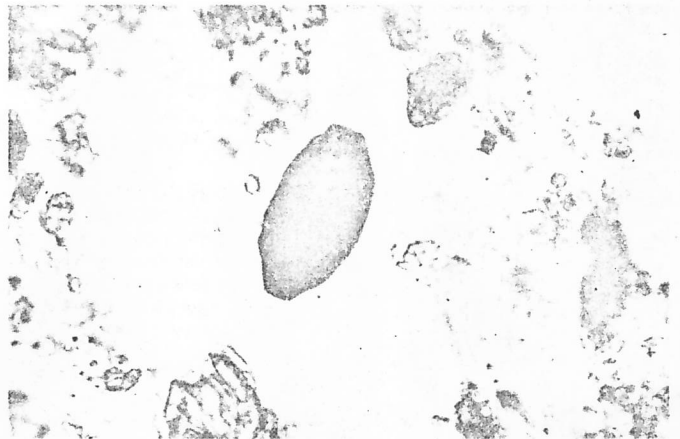


Foto 2: Ovo de *Trichuris trichiura* encontrado em coprólito da cavidade abdominal da múmia exposta na foto 1. (Foto de Adauto Araújo, do Instituto Oswaldo Cruz.)

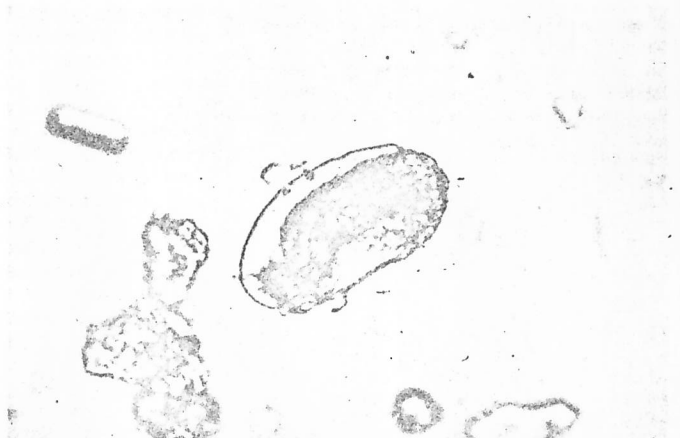


Foto 3: Ovo de Ancilostomídeo encontrado na cavidade abdominal do mesmo indivíduo. (Foto de Adauto Araújo, do Instituto Oswaldo Cruz.)